



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)**

- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -

E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália

ANO 2020

Março

Nº 343

HISTÓRICO DAS CAPELANIAS MILITARES E UM HERÓI

(DEPOIMENTO DE DOM JAIME DE BARROS CAMERA, NA ÉPOCA ARCEBISPO DO RIO DE JANEIRO E PRIMEIRO VIGÁRIO CASTRENSE DO BRASIL)

Nylson Reis Boiteux. Coronel Reformado do Exército Brasileiro. Diplomado pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército.

Como surgiram as Capelarias Militares, entre nós? Vou dar aqui um testemunho absolutamente exato. Preparava-se o Exército para combater na Europa, formando a Força Expedicionária Brasileira que iria lutar ao lado dos Aliados na Itália, contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

Dois Coronéis gaúchos, muito católicos, sentiram a necessidade de uma assistência religiosa na frente de combate para não perderem, eternamente, suas almas nos campos de batalha. Fui procurado pelos dois Oficiais para estudarmos o assunto e levá-lo ao Ministro da Guerra, na ocasião, o General Eurico Gaspar Dutra que aceitou o nosso estudo e autorizou verbalmente o seu prosseguimento. Isto posto, terminamos o trabalho e fizemos entrega à S. Exa, que iria apresentá-lo num despacho com o Exmo. Sr. Presidente Getulio Vargas.

Nesse meio tempo um eclesiástico conversou com o Presidente Vargas sobre o mesmo assunto que se achava, também, em andamento. Sua Excia., ainda ignorando a nossa perspectiva, conversou com o Ministro da Guerra sobre o assunto, apresentando o trabalho.

O Presidente Vargas não autorizou o prosseguimento e um silêncio caiu sobre o assunto da assistência religiosa à FEB. Tudo parecia que o plano já traçado iria ser um trabalho inútil; no entanto, vez por outra, a imprensa noticiava: "A Cobra fumou" o que significava estar próxima a partida da FEB.

Chegou o dia do último desfile, antes do embarque. No palanque, por gentileza das autoridades civis e militares colocaram-me entre o Ministro da Marinha Almirante Aristides Guilhem e o Sr. Presidente da República. Ao passar a Tropa, voltei-me para o Presidente Vargas e arrisquei-me a observar: Sua Excia. "está faltando uma força no desfile; vejo médicos, enfermeiras, mas nenhum Capelão". O Presi-

dentado Getúlio baixou os olhos. E eu, receando haver tocado num ponto delicado, voltei-me para o Sr Ministro da Marinha, que então me contou já haver marinheiros do Brasil em combate na Europa. Para surpresa minha dois minutos depois, o Presidente Getúlio me fala: "depois de amanhã sairá o Decreto". Admirado, olhei para Sua Excia., que percebeu eu não ter atinado com o sentido da frase. E, por isso, continuou – "Sim, o Decreto das Capelarias Militares".

Imaginem o meu agradecimento à imediata solução de tão importante caso.

Tão logo, procurei os Coronéis José Bina Machado e Raul Silveira de Melo, que estavam encarregados da organização das Capelarias Militares no Brasil, cabendo ao então General Eurico Gaspar Dutra torná-las permanentes pelo Decreto nº 6.535, de 26 maio de 1944.

Desta forma, surgiram as Capitarias Militares. O papel dos Capelães no decurso da nossa história bem pode ser traduzido pelo gesto do Frei Henrique de Coimbra, Capelão da Frota de Cabral, a escrever a página inesquecível da Primeira Missa no Brasil e dos Capelães que participaram durante a Guerra do Paraguai. Daqueles da gloriosa FEB, representado pelo sacrifício do Frei Orlando na Itália que era o Capitão Capelão Antonio Alvares da Silva no Exército, morto poucos dias antes do ataque a Monte Castelo. Ele é o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa no Exército. A figura do Capelão Militar tem muito de meritório: "É o padre a serviço espiritual e moral dos que seguem a carreira dignificante, mas rude das Armas. Ele também é soldado, mas, acima de tudo é padre".

Fontes de Consulta – Bibliografia

- Suplemento do Jornal "O Globo", apreciando o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas do Brasil, 31 de março de 1974.
- Patrono das Forças Armadas – Autor: Olyntho Pillar - Biblioteca do Exército Editora – Coleção General Benicio – Vol. 45 – Publicação nº 251, maio de 1966.
- Folheto – História em quadrinhos da vida e obra do Capitão Capelão Antônio Álvares da Silva (FREI ORLANDO). Soldado da Fé – produzido no Centro de Estudos e Pesquisas da História Militar do Exército.



U-507: Um Relato sobre o Afundamento do Submarino que "empurrou" o Brasil para a II Guerra Mundial

Publicado inicialmente por:

file:///C:/Users/LUIZ/Desktop/MAR%20do%20CEAR%C3%81_%20U-507_%20Um%20Relato%20sobre%20o%20Afundamento%20do%20Submarino%20que%20empurrou%20o%20Brasil%20para%20a%20II%20Guerra%20Mundial.html



(Submarino U-507 sendo atacado por um avião norte-americano no litoral cearense)

Em agosto de 1942 o submarino alemão U-507 comandado pelo capitão-de-corveta Harro Schacht afundou cinco navios brasileiros em menos de três dias. Este ato indignou o povo brasileiro que exigiu a entrada do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial.

Em uma missão posterior o U-507 também afundou o navio inglês SS Baron Dechmont, atualmente conhecido como "Navio do Pecém" e naufragado a 30km da praia que deu nome ao naufrágio.

Após torpedear três navios mercantes ingleses este submarino foi atacado por um avião da *US Navy Air Force* que decolou de Fortaleza em 13 de janeiro de 1943 às 5:00 da manhã. Depois deste ataque o submarino cessou qualquer contato com sua base e não retornou à mesma.



Foi no dia 13 de janeiro que o U-507 encerrou sua quarta patrulha após 47 dias no mar. O Tenente Avia-
dor Lloyd Ludwig e sua tripulação decolaram no dia 2 de janeiro a bordo do avião Catalina PBY 10 do esquadrão norte-americano VP83, com a missão de dar cobertura aérea a comboios aliados entre Natal e Belém.

Logo após a primeira decolagem, avistaram três botes salva-vidas repletos de sobreviventes, provavelmente do *MV Oakbank*. Após dez dias voando entre as bases de Belém, Fortaleza e Natal receberam a informação de que um submarino estava seguindo um comboio nas proximidades de Fortaleza..."



Veja agora o relato do afundamento do submarino alemão mais importante para história do Brasil pelo Ten. Aviador Lloyd Ludwig. O ataque aconteceu no litoral do extremo norte do Ceará. Agora as palavras do Ten. Ludwig:

No dia 12 de janeiro, chegamos a Fortaleza após o anoitecer. Nós “emprestamos” dois galões de combustível de avião a um taxista para que nos levasse a um hotel local. Depois de jantar e tomar uma garrafa de *cerveja* nos recolhemos por volta das 23 horas. Antes do sol nascer já estávamos a caminho do aeroporto. [Quando chegamos] nosso avião estava com as luzes do interior acesas e o *radiomen Seaman Second Class R.O. Siemann* e o mecânico de avião *Aviation Mechanic Mate First Class (AMM1c) R.K Gernhofer*, estavam bem acordados. Gernhofer me entregou uma mensagem de Natal informando que um submarino alemão estava seguindo um comboio e nos deu instruções para agir.

Antes de partirmos eu e a tripulação, mais precisamente o co-piloto Ten. Mearl Taylor e Ensign Harry Holt, o navegador, o radiomen e os dois artilheiros chamados Merrick e Thurston, revisamos nosso plano. Nós não usaríamos o *intervalometer* quando lançássemos as cargas de profundidade, pois houve casos em que elas travaram. Nós voaríamos a 6.000 pés [aproximadamente 2.000m] de altitude usando a cobertura das nuvens quando possível. Se fizéssemos um ataque, eu lançaria duas cargas de profundidade usando o controle manual, ou seja, as duas de bombordo. Mearl no assento do co-piloto soltaria manualmente a da direita e aí Harry, ajoelhado entre nós soltaria a última. Com sorte eles as lançariam com dois ou três segundos de intervalos.

Gernhofer ficou encarregado de avisar a base quando estivéssemos atacando. Os dois artilheiros operariam as metralhadoras .50 e não atirariam até que eu ou Mearl os ordenasse. Nós voaríamos 50 milhas a frente do provável percurso do comboio e iríamos ao seu encontro. Desta forma nós estaríamos olhando a favor do sol, o que aumentaria nossa chance de surpreender o inimigo.

Ninguém comentou quando nós o passamos pelo meu lado. Seja lá o que foi, fosse sorte ou as noites mal dormidas e as nuvens abaixo, eu não o vi. Logo depois Mearl se inclinou e disse “Aquilo parece um *pc boat*?”. Só precisei olhar uma vez: “É um sub!”.

Parece que aconteceu tudo de uma vez, a força foi cortada, nariz [do avião] abaixado, alarme de aviso soando postos de batalha e as cargas de profundidade armadas. Harry Holt veio para a frente e se ajoelhou entre Mearl e eu. Logo nós estávamos em um mergulho excedendo 200 nós de velocidade. Nos aproximávamos do submarino pela proa e ainda nenhum sinal que ele nos avistara. Pareceu muito tempo, mas em questão de segundos descemos para 1.200 pés. O sub tinha nos avistado e começava a submergir. Nós diminuimos o mergulho, mas o nariz do avião ainda estava baixo. Aumentamos a força do motor para mantermos a velocidade. Mearl já estava prestes a empurrar a soltar as bombas do lado direito. Harry estava na esquerda. Eu estava com

o pickeral, o mecanismo de soltar as bombas, em minhas mãos. Nós estávamos quase lá e o sub tinha acabado de submergir, estava apenas com a torre de comando sendo inundada. Nós estávamos a menos de 100 pés e ainda descendo. Eu pressionei o pickeral mirando um pouco depois da torre de comando. Então Mearl e Harry também soltaram as suas cargas de profundidade.



Ainda bem que todas as quatro cargas foram lançadas pois nós estávamos a menos de 25 pés e a perda de de 2.000 *pounds* [1 tonelada] nos ajudou a ganhar altitude. Logo nós estávamos em uma curva ascendente para a esquerda. Eu olhei pra trás e que vista! Pareciam as cataratas de Niágara viradas de cabeça para baixo, um paredão de água foi lançado para o ar, não em quatro colunas, mas em uma só. Nós circulamos os destroços, jogamos duas bombas de fumaças mas não vimos nada do submarino excerto os vestígios das cargas de profundidade. Harry Holt voltou para o compartimento de comunicação, marcou nossa posição e avisou a base do ataque. Eu perguntei pelo rádio "Alguém viu o comboio?". Eu acho que foi o capitão de aeronaves AMM2c J.W Dickson na torre que respondeu "Nós o passamos mais ou menos 5 minutos antes de iniciarmos o ataque."

Eu passei os controles para Mearl seguir até o comboio e me voltei para a tripulação e perguntei:

"Vocês viram onde as cargas de profundidade caíram?"

"Sim!"

"Pareceu ter atingido o submarino?"

"Logo antes da torre de comando."

"O que vocês acharam do ataque?"

"Achei que nós íamos bater nele!"

"Bem, foi bem perto mesmo, mas mantenha os olhos na fumaça enquanto puder, nós estamos voltando para avisar ao comboio."

O Tenente Ludwig contatou o cruzador Omaha que estava escoltando o comboio. O navio de guerra se deslocou para o local do ataque mas falhou em encontrar qualquer evidência da destruição do *U-boat*. Um relatório foi enviado para o escritório de inteligência do esquadrão VP83 e no dia seguinte Ludwig e sua tripulação fizeram um ataque simulado em uns arbustos próximos a Natal. O esquadrão deu ao Tenente Ludwig e sua tripulação crédito por causar pouco estrago ao submarino, mas o U-507 não sobreviveu ao ataque.

O U-507 foi ao fundo levando consigo 4 prisioneiros britânicos: o comandante do *MV Oakbank*, o comandante do SS *Baron Dechmont* - Navio do Pecém - chamado Donald MacCallum e o imediato e o comandante do *SS Yookwood*. Seu afundamento só foi confirmado após o fim da Guerra.

Tradução:

Marcus Davis Andrade Braga

Fontes:

- *Galloping Ghosts of the Brazilian Coast: United States Naval Air Operations in the South Atlantic during World War II*, por Alan C Carey.
- *US Navy PBY Catalina Units of Atlantic War*, por Ragnar J. Ragnarsson
- Fotos: (1) U-507 Atacado <http://www.pastfoundation.org/DeepWrecks/U-507.htm> - (2) Catalina PBY 10 <http://www.therampafoundation.org> - (3) MV Oakbank <http://www.wrecksite.eu> - (4) Modelo do U-507 <http://picasaweb.google.com/1942Agosto/>

Dominar o continente

<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/plano-secreto-de-dom-pedro-i-dominar-o-continente.phtml>

Imperador lançou plano ultrassecreto para derrubar os governos de toda América espanhola



Se alguém tivesse "vazado", teria sido o maior escândalo diplomático da história da América Latina. Nosso imperador queria derrubar os regimes do continente inteiro para a conveniência do Brasil.

Em 21 e 23 de abril de 1830, o Ministério dos Negócios Estrangeiros (o atual Itamaraty), que aconselhava dom Pedro em política externa, elaborou instruções secretas para uma missão especial do marquês de Santo Amaro.

O nobre deveria rumar a Londres e Paris, onde defenderia a invasão das repúblicas latino-americanas por forças europeias e sua transformação em monarquias. Monarquias aliadas, de preferência satélites do Império Brasileiro.

(continua)



Dom Pedro I *Wikimedia Commons*

Essa história, com requintes de grandiosidade, começou pelo mais prosaico dos motivos: o moral de dom Pedro andava baixo. O homem que havia rompido com Portugal em 1822 e fundado a única monarquia das Américas era agora visto como um déspota "pouco brasileiro", mais preocupado com a sucessão lusitana - aberta com a morte de dom João 6º, em 1826 - do que com os problemas do Brasil. Ainda em 1823, ele havia fechado a Assembleia Constituinte por não considerar a Constituição proposta pelos parlamentares "digna do Brasil e dele próprio". No ano seguinte, haveria de impor sua própria versão.

Também não pegou bem a revelação de que a independência havia custado aos cofres brasileiros 2 milhões de libras, entregues a Portugal como indenização. Para piorar, o Império havia gastado horrores numa guerra contra as Províncias Unidas do Rio da Prata (um dos embriões da República Argentina) -, que acabou na perda da Província Cisplatina, atual Uruguai. Além dos motivos políticos e econômicos, o imperador

atraiu a antipatia do povão ao iniciar um caso com a marquesa de Santos, o que humilhara a benquista imperatriz Leopoldina, morta em 1826.

O plano

As instruções diplomáticas secretas transpiram esse contexto de popularidade em queda e crescente isolamento de um governante que viria logo a abdicar. O baiano Miguel Calmon Du Pin e Almeida, ministro dos negócios estrangeiros do Império e futuro marquês de Abrantes, tinha a tarefa de enviar um diplomata ao outro lado do Atlântico para buscar apoio de seus pares europeus em assuntos considerados urgentes. E o representante imperial não era um subordinado qualquer. O sexagenário José Egídio Álvares de Almeida fora feito barão de Santo Amaro por dom João 6º em 1818 e receberia depois os títulos de visconde (1824) e marquês (1826) de Pedro 1º.



Imperador abdica (Wikimedia Commons)

"Para os padrões da época, ele já era bem velhinho em 1830. Provavelmente pegou dom Pedro no colo", diz, brincando, o diplomata Eugênio Vargas Garcia. Autor do livro *Diplomacia Brasileira e Política Externa: Documentos Históricos 1493-2008*, que recupera, entre acordos comerciais e tratados de delimitação de fronteiras, o registro escrito desse episódio.

Santo Amaro foi incumbido de fazer lobby para pôr dona Maria da Glória, filha de dom Pedro 1º, no trono português, em que dom Miguel, irmão mais novo do imperador,

sentava-se desde 1828. Na bagagem, levaria mais uma missão. Em 1829, a Espanha tentara inutilmente reconquistar o México. O nobre deveria dizer que andara ouvindo falar de intenções europeias de pacificar a velha América espanhola, assolada por guerras civis, que atrapalhavam o comércio, sobretudo na estratégica região do rio da Prata. Passaria então a insinuar que a instabilidade tinha nome: república. Aquele regime sem rei seria uma fonte de baderna por natureza. Dom Pedro I e seus diplomatas tinham descoberto o remate dos males: transformar em monarquias as repúblicas vizinhas.

Pretexto

A ideia é que os vizinhos permanecessem pulverizados, pois o Império temia um rival de grande extensão. Para isso, daria o pretexto de ser impossível ignorar o orgulho nacional, já latente entre as populações. Assim, continuariam existindo um Peru, uma Colômbia, uma Bolívia... Menos a Cisplatina, a ser reanexada ao Brasil. Na impossibilidade de retomar a província, a solução era estabelecer ali um grão-ducado ou principado independente do controle dos argentinos.

E quem seriam as cabeças coroadas das novas monarquias? Santo Amaro sugeriria príncipes da casa de Bourbon, família que reinava na França e na Espanha. Para estreitar perpetuamente os laços de amizade entre as nações, os jovens mancebos desposariam as filhas do próprio dom Pedro 1º.

Contraídos tais matrimônios, finalmente reinaria a paz na América. Tudo parecia encaixar-se perfeitamente, não fosse um detalhe: o Império, que propunha o plano, não possuía verba para as intervenções. Santo Amaro deveria, portanto, ter também jogo de cintura para propor que as cortes europeias preparassem suas tropas para começar a emplacar as realezas por estas bandas.

Missão impossível

Passados 52 dias de viagem, Santo Amaro aportou em Brest, França, para uma tarefa que terminou não sendo cumprida. Para início de conversa, o rei inglês George 6º acabara de morrer. Numa Londres em compasso de espera, Santo Amaro teve dificuldades de apresentar suas credenciais diplomáticas. Para dificultar, o novo soberano, William 6º, faria um reinado mais liberal do que o de seu irmão mais velho. Os ingleses até apreciavam que o Brasil fosse uma monarquia - isso representava um contrapeso ao republicanismo continental, encabeçado pelos Estados Unidos. Mas eles preferiam deixar cada país livre para escolher o seu regime (e continuar comprando produtos da Inglaterra, claro).

Quanto aos franceses, 1830 seria marcado pela Revolução de Julho, quando o povo armou barricadas que destronariam Carlos 10, um Bourbon de pendores absolutistas, e abririam alas para Luís Filipe de Orléans, tão menos reacionário que foi chamado de Rei Cidadão.

Como não havia clima para encaixar um assunto como o intervencionismo nas distantes ex-colônias espanholas, Santo Amaro se focou apenas na sucessão portuguesa. Ao menos essa missão teve um final feliz: após dois anos de guerra civil, dona Maria da Glória se tornou rainha de Portugal, em 1834. Mas essa é outra história. Em fins de 1830, o novo ministro dos negócios estrangeiros, Francisco Carneiro de Campos, comunicou o fim da missão de Santo Amaro.

Dom Pedro 1º e Santo Amaro não viveram para ver a revelação em praça pública de suas secretas intrigas. Miguel Calmon du Pin e Almeida, porém, só morreria em 1865 e testemunharia o "vazamento" do documento. Foi em 11 de julho de 1845, quando o diplomata argentino Manuel Moreno conseguiu uma cópia e a estampou no jornal Gaceta Mercantil, de Buenos Aires. A divulgação serviu para mostrar que o Império não era um vizinho muito confiável. Para Garcia, o documento é um exemplo de má diplomacia, principalmente por se tratar de um delírio. Mas ele desnuda outros problemas também: "O documento se insere na tradição da época: intervencionismo, intriga palaciana, cálculo de interesses pessoais em detrimento da defesa do interesse nacional..." Isso soa familiar para você? Pois é: a história realmente se repete. E mais ainda quando se trata de farsas.



Acesse o texto "Incêndio no Empório", do Cel Vogt pelo www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



ATENÇÃO!
III CICLO DE PALESTRAS DA AHIMTB/RS NO DIA 25 DE MARÇO A PARTIR DAS 1330 H NO MUSEU MILITAR DO CMS.
PALESTRANTES:
Dr. TELMO FORTES, Cel MALAN, Dr. MÜLLER E Cel CAMINHA
AO FINAL, DISTRIBUIÇÃO GRATUITA DO LIVRETO "CRONOLOGIA DA GUERRA DO PARAGUAI" COMPAREÇA. INSCRIÇÕES PELO FONE DO MUSEU 3226-5883.

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nucleo.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.